

Considerações sobre a reação civil ao ataque no Thalys

Claudio Mano

Mestre em Ciência da Religião e Bacharel em Filosofia pela UFJF
Membro do Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Souza” da UFJF
cmpostal@gmail.com

Em 21 de agosto de 2015, em um trem de alta velocidade (Thalys) que se dirigia de Amsterdã à Paris com 544 pessoas a bordo, um atentado terrorista de conseqüências imprevisíveis foi evitado. Em que pesem os bilhões de dólares destinados às ações antiterror e mesmo a intrusão cada vez mais invasiva na privacidade da imensa maioria dos cidadãos de bem em nome da segurança do Estado, quis o destino que a tragédia fosse impedida pela disposição corajosa de alguns passageiros em reagir ao inusitado.

Naquela sexta-feira, um “lobo solitário” munido de um fuzil, uma pistola e uma faca, parte em seu percurso no interior do trem visando causar o maior número de vítimas possível. Um cidadão francês, ao perceber do que se tratava, avança contra o homem armado tentando detê-lo. O terrorista desvencilha-se dele e começa a disparar. Na seqüência, três norte-americanos intervêm e, com a ajuda de um britânico, conseguem finalmente dominar o agressor. No correr da ação, um franco-americano que também tentou intervir, foi alvejado pelo terrorista. Detalhes desta façanha podem ser encontrados nos jornais; os dados que apresentamos acima foram obtidos a partir de leitura do *Le Monde*¹. O objeto deste artigo,

¹ http://www.lemonde.fr/societe/article/2015/08/22/thalys-les-hommages-aux-heros-du-train-se-multipliant_4733858_3224.html em 22/08/2015

http://www.lemonde.fr/police-justice/article/2015/08/24/thalys-hollande-decerne-la-legion-d-honneur-aux-heros-americains-et-britannique_4734874_1653578.html em 24/08/2015

entretanto, não se refere às minúcias do evento em si, mas sim, visando o plano conceitual, tecer considerações sobre algumas implicações que consideramos significativas.

Inicialmente, vale observar que os governos, de uma forma geral, recomendam aos cidadãos um comportamento justamente contrário ao assumido pelos corajosos indivíduos que, logrando êxito em defenderem-se, acabaram por salvar inúmeras vidas. Face à intimidação de um facínora, rendam-se! Esta é a palavra de ordem via de regra propalada pelas autoridades da maioria das nações nos ouvidos de seus “cidadãos comuns”. A idéia é que o Estado, *a posteriori*, atuando de maneira eficiente na punição de todos os malfeitos, acabe por dissuadir aqueles que pretendam praticá-los. Deste modo, uma reação violenta por parte de quem sofre uma agressão, soa desnecessária e acaba mesmo ganhando feições de tratar-se de fazer justiça com as próprias mãos. Assim, o revide imediato, ou seja, o exercício da legítima defesa, perde sua aura sagrada de “direito natural” implícito a todo ser humano.

A ordem para não reagir pressupõe que as autoridades receiem uma falta de controle nos indivíduos quanto à “justa atitude” a ser tomada em cada caso. Deste modo, em nome da manutenção da confiança na ordem pública, qualquer afronta à dignidade e integridade pessoal resultante da prática da inação, acabaria compensada pelo sentimento de segurança que supostamente prevaleceria para toda coletividade, incentivada à crença na providencial ação reparadora do Estado. Mas, e quando o bem requerido se trata de sua própria vida? O que fazer quando o objetivo do agressor reduz-se a saborear os efeitos do sofrimento causado? Como se comportar quando a inação equivale ao ato de suicídio? Indagado pelo *The Guardian*² sobre o que o motivara a agir, Chris Norman, o britânico que assinalamos acima, é bem claro: “ok, eu provavelmente ia morrer de qualquer modo, então vamos lá”. Norman optou por tombar lutando a morrer de joelhos, mas, “ir lá”, certamente implicou em um grandioso ato de coragem.

Em seguida, o que observamos, é que estes bravos indivíduos são elevados à categoria de heróis, tanto por governos quanto pela mídia. Mas, são eles efetivamente heróis? No *Concise Oxford Dictionary*, encontramos que herói é um “homem de qualidades além das humanas, favorecido pelos deuses ... alguém que lutou por sua pátria ... homem admirado por seus feitos e qualidades nobres ...”. Já no dicionário *Le Robert Micro*, temos que representa um “personagem legendário ao qual se atribui coragem e ações memoráveis ... ou aquele que se distingue por suas proezas e coragem extraordinária ...”. No *Aurélio*, a definição aponta

² <http://www.theguardian.com/world/2015/aug/24/british-train-hero-chris-norman-receive-frances-highest-honour> em 24/08/5015

para um “homem extraordinário por seus feitos guerreiros ...”, mas também, “pessoa que por qualquer motivo é centro de atenções ...”. Acreditamos que no caso em questão, partindo deste último entendimento, “centro das atenções”, objetivou-se ver o primeiro, o herói, com “qualidades além das humanas”.

Deste modo, o feito heróico transcende a ação individual e invade o imaginário mítico coletivo com o objetivo de estabelecer uma distância insuperável entre os homens reais envolvidos na ação, pessoas com as quais qualquer um pode se identificar, e o ser superior inigualável; um exemplo a ser admirado, mas impossível de ser imitado. A imediata entrega das medalhas pelo governo francês, consagra então o herói. A partir daí, acreditamos, rompe-se qualquer correlação possível na mente do público em geral entre os fatos ocorridos e seu cotidiano. Assim, sem colocar-se na incomoda situação de recriminar uma atitude de reação que se mostrou, além de valente e justa, vitoriosa, é através da própria condecoração que as autoridades estabelecem um caráter de excepcionalidade: os “heróis” são louvados mas, o destemor, este acaba como que silenciado, devolvido ao seio das forças de segurança que zelam pela ordem, de onde não deveria jamais ter se afastado.

Finalizando, vale registrar que dois dos norte-americanos envolvidos nesta ação, são soldados profissionais. Talvez sem o apoio deles, o desfecho deste incidente não teria sido tão favorável. Mas o primeiro homem a reagir ao atentado não sabia que poderia contar com tão valiosa ajuda, ou mesmo, com qualquer tipo de auxílio. Entendemos que seu instinto de sobrevivência falou mais alto e despertou a coragem que dentro dele residia, fazendo inclusive com que fosse seguido. Entretanto, se este espírito de luta o acometesse em revide a um intruso que na calada da noite invadissem sua residência, ameaçando sua integridade e de sua família, provavelmente agora, dependendo da avaliação da justiça em relação aos meios empregados e do próprio desenlace, ele poderia até mesmo estar encarcerado³.

Em nosso entendimento, os envolvidos na vitoriosa ação no Thalys, não devem ser vistos como heróis, sob pena de aviltarmos o desprendimento e destemor que exibiram enquanto simples e frágeis seres humanos. Que os governos tirem deste episódio o reconhecimento de que seus cidadãos são, acreditamos que em sua imensa maioria, indivíduos afeitos à virtude da coragem e que sua civilidade não configura sinônimo de apatia. Que os políticos que lideram as sociedades não permitam que o poderio do Estado, reconhecidamente

³ Por exemplo, na própria França, temos o caso de René Galinier, um senhor de 78 anos de idade, condenado a 5 anos de prisão por ferir gravemente com disparos de espingarda dois ladrões que invadiram sua casa. <http://www.rtl.fr/actu/societe-faits-divers/tentative-de-meurtre-sur-deux-roms-rene-galinier-condamne-a-5-ans-de-prison-dont-4-avec-sursis-7778990970> em 07/07/2015

necessário à manutenção da ordem pública e preservação da segurança nacional, venha jamais a ser de tal monta que acabe por apagar a chama de dignidade, coragem, autonomia e compromisso com o próximo que vimos brotar no coração dos protagonistas deste evento.

www.ecsbdefesa.com.br

Universidade Federal de Juiz de Fora

